

AFINAR MOTORES NA ECONOMIA - PRECISA-SE

O crescimento económico é uma realidade. O seu relevo é bem identificado pelo grau de satisfação geral, pelo próprio ambiente da atividade económica, reforçado, à mistura das opiniões favoráveis de comentadores económicos, políticos, identificando-se alguma discordância sobre a origem do mesmo, o que não é de estranhar.

Assim, neste espaço de análise e estima não podemos ficar por aqui, antes porém, associar o debate e procurar perceber qual o nível de sustentabilidade que envolve a nossa economia, seu crescimento, de forma a projetar melhor o futuro sobre a qualidade de vida dos portugueses e tal, em ambiente de forte convergência com a U.E., é importante desafio.

Significa isto, que há áreas que temos de dar mais atenção, mesmo que isso se traduza em roturas associadas à inovação necessária, com o objetivo da referida sustentabilidade.

Caberá perguntar se queremos repensar o nosso modelo de crescimento e afinar melhor os motores responsáveis por esse mesmo crescimento.

O país vive sob a bênção plena de um quadro comunitário de apoio, Portugal 20-20, com o objetivo supremo da convergência intercomunitária pela economia e outros, mas com o Estado a comer à mesa dos convidados.

Há um ambiente de confiança entre os atores principais da economia e do governo, pelo investimento que estamos a fazer e mesmo a receber a par da força das exportações que as empresas do Norte são maioritariamente responsáveis.

Já que falamos de um dos motores da economia, as exportações, será oportuno lembrar que ao vivermos tempos de viragem útil das nossas empresas para os mercados externos, não o devemos fazer sem uma estratégia de “trabalho de casa” bem feito.

As empresas não devem ir para o exterior e exportar por qualquer “preço”, porém, com poder de penetração nos mercados externos por diferenciação, inovação, rapidez de resposta, com grande respeito pelos compromissos assumidos e com uma postura de orgulho positivo de sermos portugueses e nunca de subserviência.

Quando exportamos pelo preço os mercados é que mandam no nosso negócio e projetam-nos linearmente em fim de vida.

Outro dos motores da economia que necessita de afinação são as pessoas qualificadas, ou seja, RHQ – Recursos Humanos Qualificados para as empresas.

Aqui andamos muito distraídos. Perdoe-me quem manda, mas continuamos a fazer confusão entre despesa e investimento.

Estamos com a maioria dos setores e seus clusters em crescimento e uma fase plena de contratação de RH e RHQ.

Só o setor Metalúrgicos e Metalomecânico necessita até ao fim do ano de 15.000 RHQ, sendo destes 1500 Engenheiros (Fonte AIMMAP).

Como responder? A taxa de desemprego está a descer, mas numa perspetiva de sustentabilidade da economia quer dizer muito pouco, uma vez que os disponíveis dos 9% tem níveis de educação e qualificação baixos e não servem de um momento para o outro, a nova economia.

O nosso sistema de formação e qualificação profissional conta com uma forte componente paternalista do Estado pelo IEFP e com os Centros Protocolados setoriais, geridos pela iniciativa privada, mas sob o veto do IEFP (Estado), com orçamentos praticamente desajustados do crescimento económico.

Será esta a estrutura correta para dar resposta ajustada à economia das empresas de iniciativa privada, responsáveis maioritariamente pela economia do país?

Como aceitar que o IEFP tenha o seu orçamento equilibrado perante a sua missão e os Centros Protocolados como um CENFIM que responde diretamente junto das empresas em sintonia com as mesmas, não lhe sejam dados recursos orçamentais para responder à procura dos RHQs?

Não é possível sol na eira e chuva no nabal.

Se queremos crescimento económico temos de afinar urgentemente o motor da formação e qualificação de pessoas para alimentar a procura e sua manutenção.

Temos de rever por uma discussão séria e responsável o nosso sistema de ensino técnico-profissional e qualificativo quem é quem e quem faz o quê, para termos mais poder sobre o nosso crescimento económico e não dependermos tanto de ter de “rezar” todos os dias para que a economia internacional não sofra engasgamentos.

Roturas no sistema de ensino, formação e qualificação para melhor responder precisa-se a bem de uma economia com um mínimo de sustentabilidade e de mais autoconfiança em nós próprios.

J.M. Fernandes

Chairman FREZITE

Ex-Presidente da AIMMAP